

Itaí

a carinha-pintada



Escrito por
ANTONIO JURACI SIQUEIRA
Ilustrado por
MARIO BARATTA

Itaí

a carinha-pintada



Escrito por
ANTONIO JURACI SIQUEIRA
Ilustrado por
MARIO BARATTA



GOVERNO DO BRASIL
Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação
Marco Antonio Raupp



MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
Diretor
Nilson Gabas Júnior

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação
Ulisses Galatti

Coordenadora de Comunicação e Extensão
Wanda Okada

NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS
Editora Executiva
Iraneide Silva

Editora Assistente
Angela Botelho

Editora de Arte
Andréa Pinheiro

Apoio Técnico
Tereza Lobão

Produção Editorial
Iraneide Silva
Angela Botelho

Projeto Gráfico
Andréa Pinheiro

Editoração eletrônica
Renata Segtowich

Ficha Catalográfica
Coordenação de Informação
e Documentação (CID/MPEG)

Impressão
GTR Gráfica e Editora - Belém-Pará

Esta publicação é produto do projeto **Arte Rupestre de Monte Alegre – difusão e memória do patrimônio arqueológico**, realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e Sociedade Brasileira de Arqueologia (SAB), com patrocínio da Petrobras.

Siqueira, Antonio Juraci; Baratta, Mario.

Itaí a carinha pintada / Antonio Juraci Siqueira; ilustrado por Mario Baratta II. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.

20 p.: il.

ISBN: 978-85-61377-63-2

1. Poesia brasileira – Pará. 2. Itaí (Pintura Rupestre) – Poesia. I. Siqueira, Antonio Juraci. II. Baratta II, Mario, ilust. III. Título.

CDD B869.1

Instituição filiada



Museu Paraense Emílio Goeldi

Itaí

a carinha-pintada



Escrito por
ANTONIO JURACI SIQUEIRA
Ilustrado por
MARIO BARATTA

Belém
2012

Apresentação

Em abril de 2012 um poeta, um arquiteto e aquarelista e uma arqueóloga subiram as serras de Monte Alegre, no Baixo Amazonas, para ver de perto as pinturas feitas nas rochas pelos antigos habitantes dessa região. Para o poeta Juraci Siqueira e para o artista Mario Baratta foi o primeiro contato com essa arte milenar. Para mim, mesmo as tendo visto diversas vezes para estudá-las, como sempre, foi impactante voltar a vê-las.

Registrar de diferentes maneiras, esses vestígios do passado por meio de distintos olhares, era o objetivo dessa viagem até as serras. Esse livro foi baseado nas pesquisas arqueológicas que venho realizando em Monte Alegre desde 1990 e sintetiza os três olhares: o acadêmico, o poético e o artístico.

Dedicá-lo às crianças é trazer o passado para os olhos de quem vai fazer o futuro. Na compreensão da história contada pelos versos e pelos desenhos sobre a arte rupestre em Monte Alegre se sustenta a esperança da preservação de um patrimônio imprescindível à construção do futuro na Amazônia.

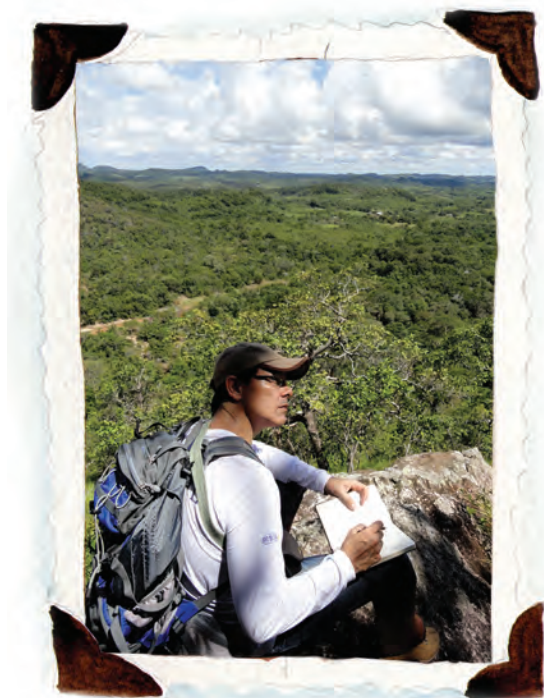
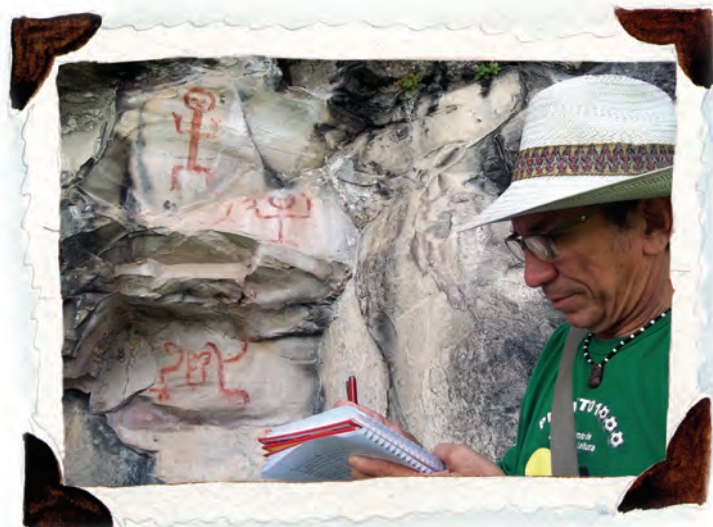
Um dos passos para a referida preservação é a união de esforços institucionais para a divulgação do patrimônio arqueológico brasileiro, assim o tendo sido neste livro, que conta com a realização do Museu Goeldi e da Sociedade de Arqueologia Brasileira, com o patrocínio da Petrobras, por meio do Edital SAB 2011 e da Lei de Incentivo à Cultura.

Edithe Pereira

Antonio Juraci Siqueira

é licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará e pertence a várias entidades litero-culturais, atuando como professor de filosofia, oficinairo de literatura, performista e contador de histórias. Possui mais de 80 títulos individuais publicados, colabora com jornais, revistas e boletins culturais de Belém e de outras localidades e conta com mais de 200 premiações literárias em vários gêneros, em âmbito nacional e local.

Meus agradecimentos à arqueóloga Edithe Pereira, por confiar-me a produção dos textos da presente obra e ao aquarelista Mário Baratta, por envolver os versos no lençol mágico das aquarelas, ampliando a leitura e a compreensão dos mesmos.



Mário Baratta

é arquiteto e professor do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará. Fez mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Ilustrou seu primeiro livro infantil aos 19 anos para Editora FTD. Atualmente suas ilustrações podem ser vistas em publicações das editoras Cortez, Cultura, Valer, dentre outras. Como aquarelista, seu trabalho mostra a relação do homem com seu habitat, o que o levou a expor em museus e galerias nas cidades de Belém, Manaus, Macapá, Salvador, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. As imagens deste livro são dedicadas à Bárbara Damas, que com paciência e amor tem iluminado suas ideias e à Edithe Pereira, que levou adiante uma conversa surgida em tempos atrás.

Ao Senhor Humberto Brito de Assunção e a todos os
que lutam pela preservação do patrimônio arqueológico.

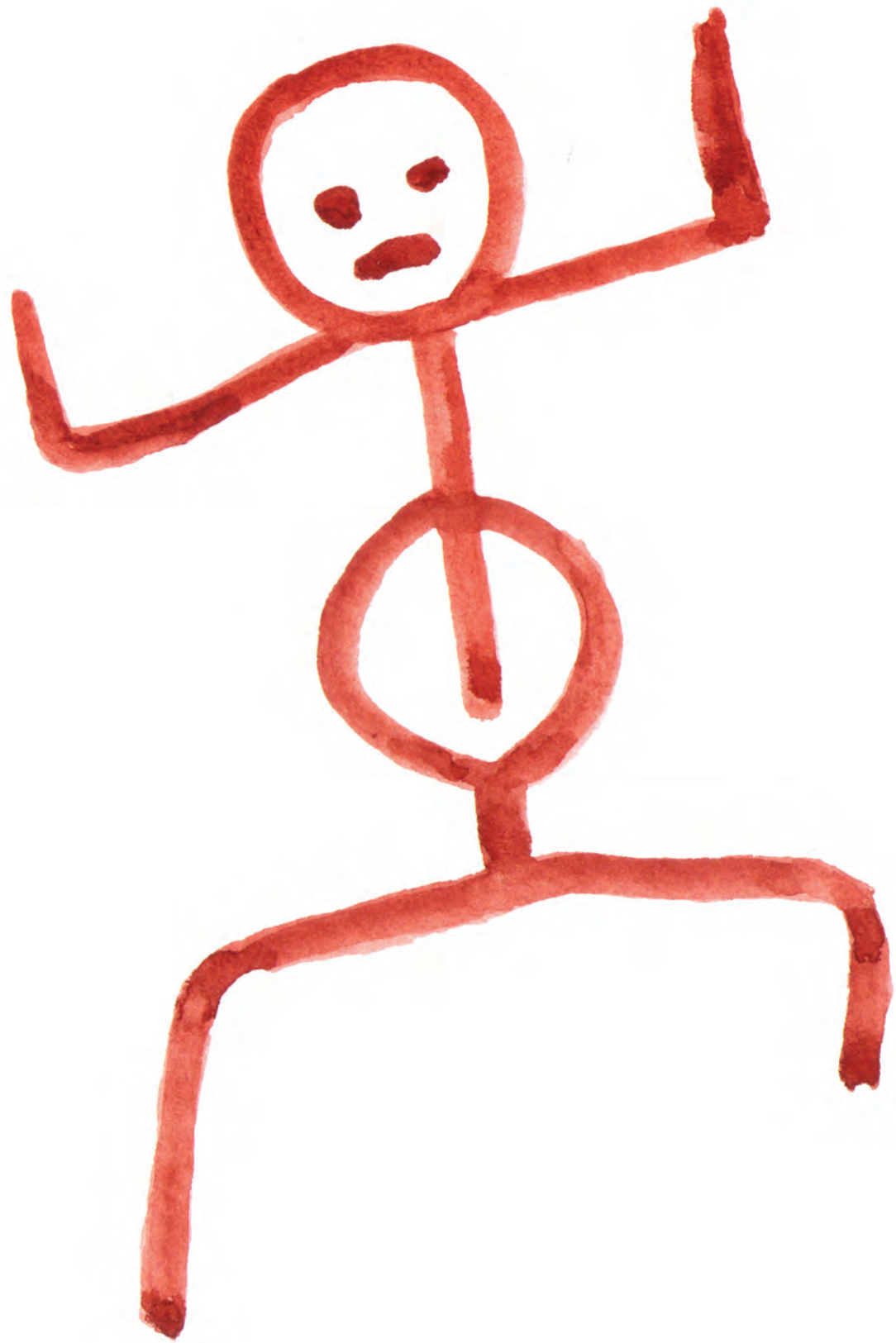
Quem sou

Sou Itaí, garotada!
Uma carinha legal
que foi pintada na pedra
muito antes de Cabral!
Na antiga língua tupi
meu nome se discrimina:
Ita, porque sou de pedra;
Í, porque sou pequenina.

Eu nasci antes da História,
sou velhinha pra dedêu
por isso sou mais sabida
do que muito bacharel.

Vou contar minha historinha
que escutei dum grande mestre:
Sou patrimônio do mundo
pois sou pintura rupestre.

Não engano, não enrolo,
sou sabida, sou leal;
se sou carinha de pedra,
não sou carinha-de-pau!



Como sou

Querem saber como sou?
Eu sou carinha de gente
às vezes triste ou zangada,
outras vezes, sorridente!

Muitas vezes encontrada
nas grutas ou nas cavernas,
numa figura completa
com tronco, braços e pernas.



Outra vez sou só cabeça
com nariz e sobrancelhas,
boca e olhos bem abertos
e um par de belas orelhas.



Houve dia que o artista,
por loucura ou desmazelos,
arrancou minhas orelhas
e devorou meus cabelos!

Talvez sem querer querendo,
para aumentar meu desgosto,
descuidado ele apagou
o contorno do meu rosto...

E como se não bastasse,
mais que depressa, num triz,
comeu minhas sobrancelhas,
e deu fim no meu nariz!





Ainda não satisfeito,
expressionista exigente,
ele apagou minha boca
deixando os olhos, somente!

Onde estou

Sou de Monte Alegre,
Amazônia, Pará
pintada nas pedras
que existem por cá.

Se alguém me procura,
de longe me vê
na serra do Boçó,
Paitunã e Ererê.

Estou nos abrigos,
estou nas cavernas
no lado de dentro,
nas partes externas...

Estou rente ao chão,
estou nas alturas,
estou entre bichos
e outras figuras.

Me leve nas fotos,
no seu coração,
na sua lembrança...
Mas não ponha a mão!





Lembrança da Serra da Lua

Quem me pintou

– Carinha-pintada,
quem foi que pintou?

– Foi um povo antigo
que aqui habitou!...

– Carinha, me conta
como era essa gente?

– Tinha olhos e boca,
nariz para frente!

– Carinha sabia
o que o povo fazia?

– Panela de barro,
igaçaba, bacia...

– Que arma e instrumento,
usavam, afinal?

– Arco, lança, flecha
e machado de pedra





Como me pintaram

Jã imaginaram, crianças, como é que o povo fazia para fazer as pinturas sem qualquer tecnologia? Que tipo de tinta usavam? Como é que o pintor subia até chegar nas alturas e fazer suas pinturas com tamanha maestria?

Tinta vermelha e amarela com certeza fabricava com dióxido de ferro que nas rochas encontrava; tinta preta era carvão que o artista triturava e, pra seguir adiante, com algum aglutinante os pões ele misturava.



A pintura ele fazia
com pincel improvisado
ou usando o próprio dedo
pela tinta lambuzado.
Jã as pinturas das mãos
outro método era usado:
a palma da mão metia
dentro da tinta e imprimia
feito papel carimbado.

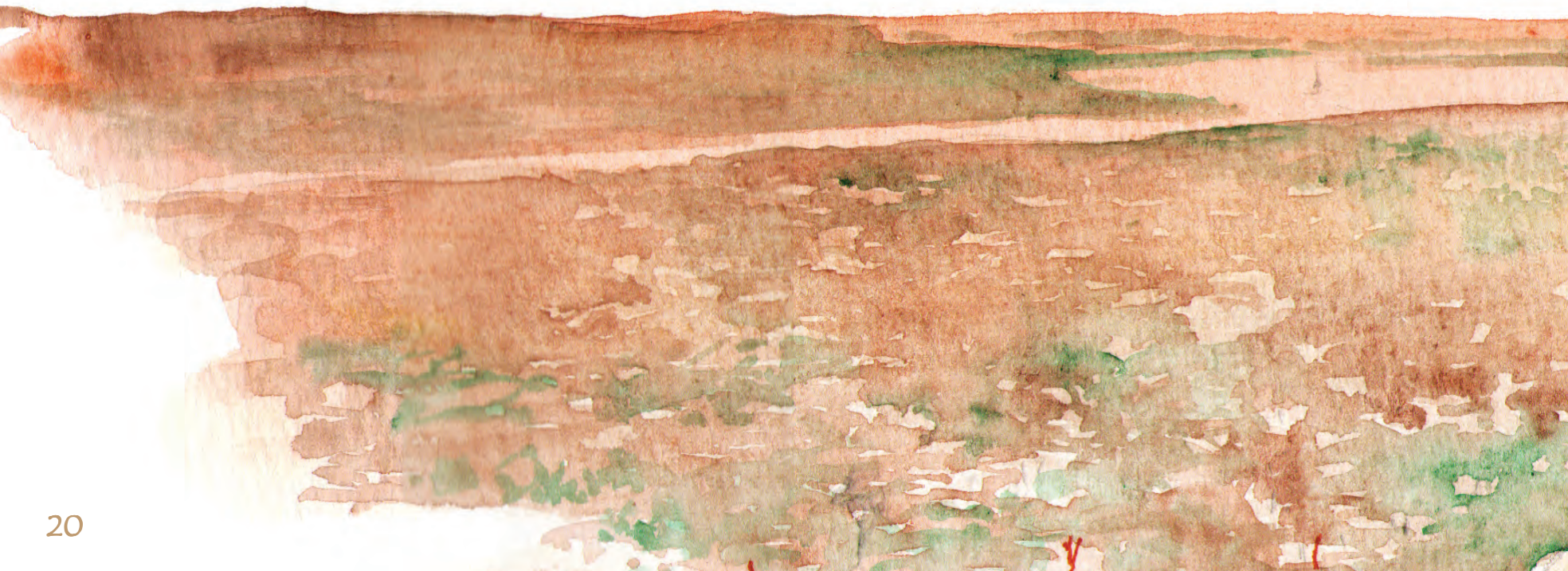
Porém como eles subiam
pra pintar, não vou dizer
porque sou cara-pintada,
não sou estraga-prazer.
A melhor coisa do mundo
é estudar para aprender
mas a pior, pessoal,
é alguém contar o final
do filme que se vai ver.



Cobras & lagartos

Quando você for à serra
olhar rupestres pinturas,
entre elas encontrará
um monte de criaturas!

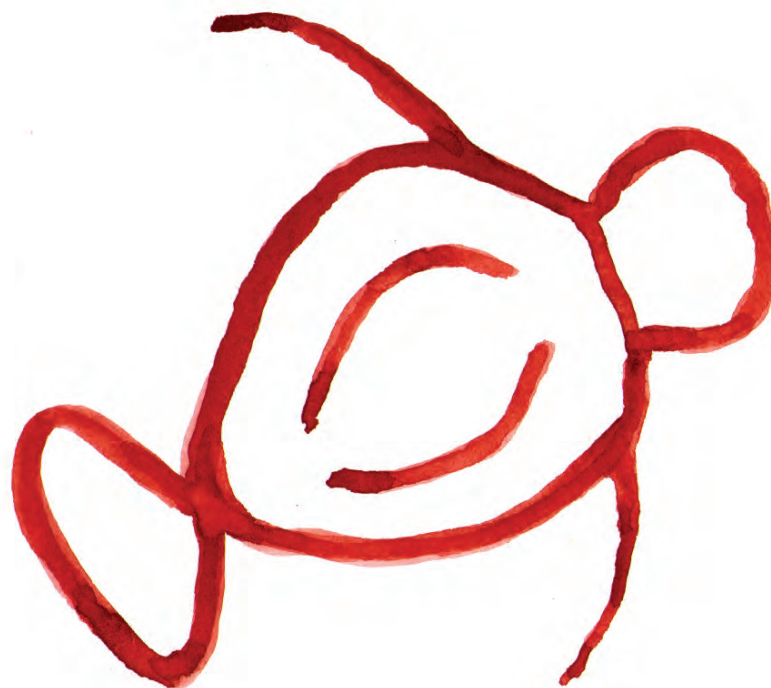
Na gruta 15 de Março
tem um belo gavião
e na pedra do Mirante
um vermelho escorpião.

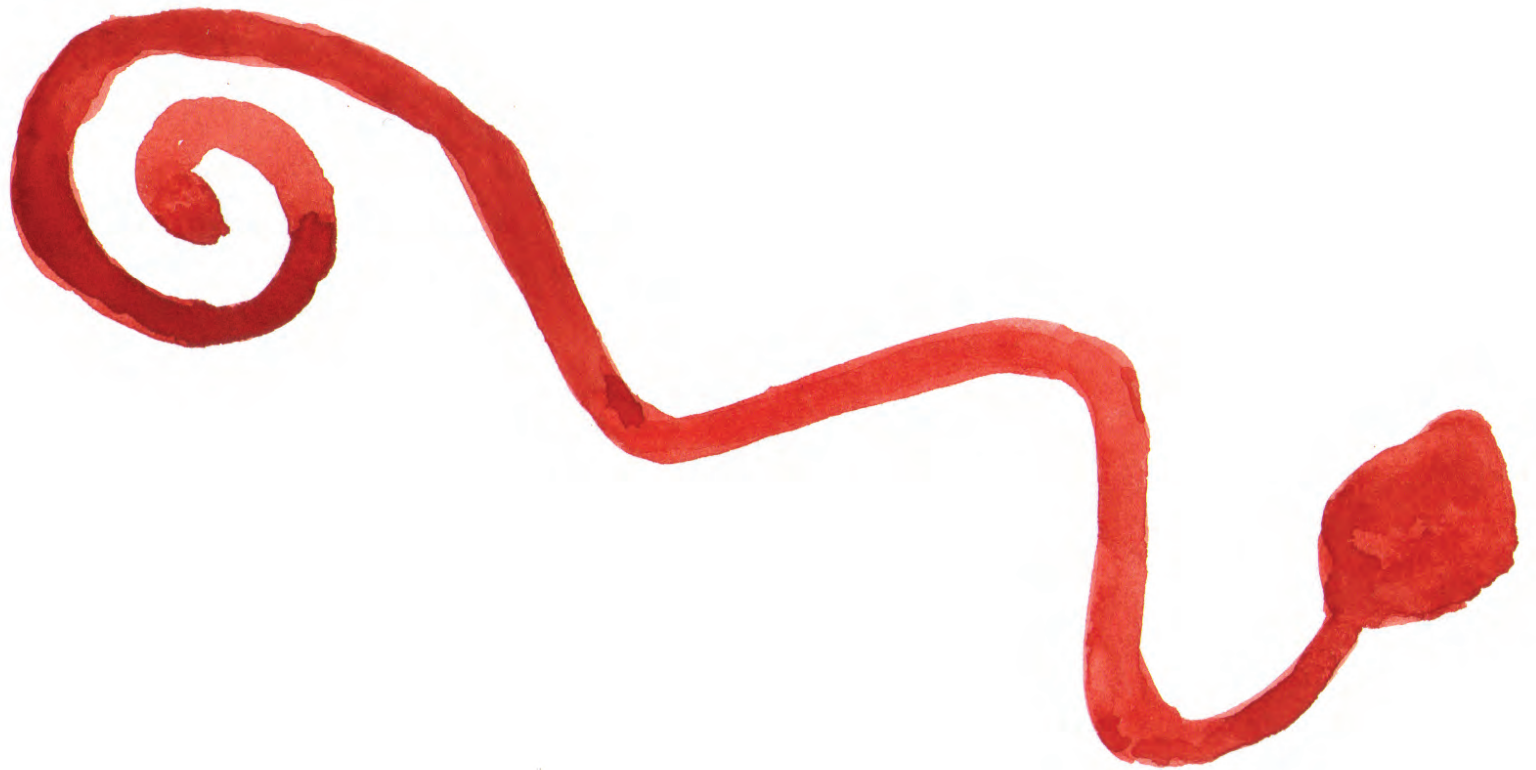




Tem um boto cor-de-rosa
ao lado de um peixe-boi,
tem um sapo e um passarinho,
quem pintou não sei quem foi.

Tem cobra, tem tartaruga,
tem peixinho e tem peixão,
tem lagarto e outros bichos
que eu não sei que bichos são.





No tempo do nunca mais



Naquele tempo, crianças,
todos eram mais felizes
se alimentando de caças,
peixes, frutas e raízes.

Ainda não existia
comidas extravagantes:
massas, corantes, frituras
bombons e refrigerantes...

Por terra andava-se a pé,
pelos rios, de canoa
remando contra a maré...
Oh!, que ginástica boa!

As mulheres eram belas
pela própria natureza
sem silicone e cosméticos
para realçar a beleza.

Seus cabelos eram negros
como as penas do mutum
e em vez de batom e ruge,
se pintavam de urucum.

Mas isso tudo acabou-se
e agora o homem moderno
está transformando a Terra
numa colônia do inferno...



Guardiões

Essas serras, garotada, precisam de guardiões para, unidos, protegê-las das nocivas agressões de certos seres humanos com seus instintos tiranos e suas porcas ações.

Hã os guardiões naturais como a larã e a Mãe do Mato que defendem fauna e flora de todo e qualquer maltrato e os guardiões idealistas, entre estes os cientistas estudiosos, de fato.

Pois entre esses guardiões tem um que é meu favorito: um "pinta-cuia" da gema que se chama Humberto Brito de Assunção, o "seu" Humberto, um caboclo bom e esperto que nos dá exemplo bonito.



Ele até foi nomeado
"Guardião oficial"
das serras de Monte Alegre
por ato municipal
e cuidou, alheio aos danos,
durante trinta e dois anos
deste bem patrimonial.

Ainda mora entre as serras,
curvado ao peso da idade...
Sempre que pode, as visita
mesmo com dificuldade.
Quando fala em seu passado,
seus olhos baços, cansados,
brilham de felicidade!

Que belo exemplo, crianças,
nós acabamos de ver.
Que surjam outros guardiões
para as serras defender
e, neste afã salutar,
que conheçam para amar
e amem para defender!



Monte Alegre

Este lugar
onde me encontro
já foi, um dia,
Gurupatuba
nome de tribo
que aqui vivia.

Porém no ano
mil setecentos
e cinqüenta e oito,
um tal Francisco
Xavier Mendonça
que era Furtado
e governante
do Grão-Pará,
mano às avessas
de um tal marquês
que dava às ordens
em Portugal,
achou por bem
trocar o nome
pelo atual.

O tal Mendonça,
por ser furtado,
furtava nomes
de vilarejos
lá de além-mar
e ia trocando
sô de gracejo
pelos de cá.

Furtou Aveiros
e Salvaterra,
furtou Bragança
e Santarém
furtou Melgaço,
furtou Alenquer...

Aqui chegando
o antigo nome
Gurupatuba
não aprovou
e, bem depressa,
furtou o nome
de Monte Alegre,
um vilarejo
de Portugal
e, com poderes
de soberano,
bateu no peito
e assim falou:

– De hoje em diante
este lugar
será uma vila:
Vila Real
de São Francisco
de Monte Alegre
e ponto final!

E, em seguida,
indiferente,
o antigo nome
atirou n'água
que lá sumiu...

E assim, crianças,
Gurupatuba
ficou somente
nome do rio...



Matto tem olho, parede tem ouvido

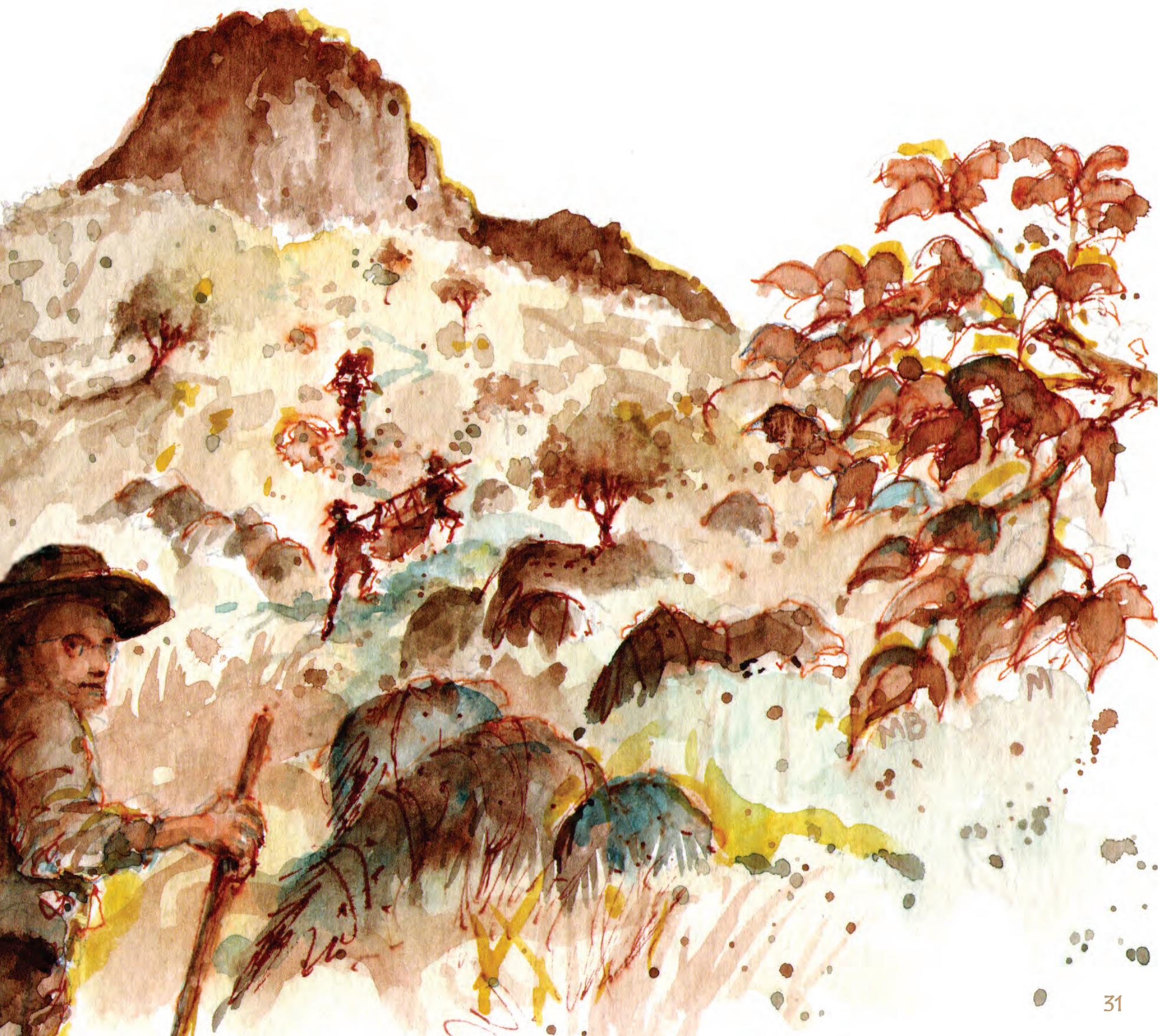
Garotada, estou surpresa
porque ninguém perguntou
como é que eu sei das coisas
e nem também indagou:
– Se não tem ouvidos e olhos
como é que ouviu e escutou?

– Aqui nunca alguém ouviu
um ditado conhecido
que diz que *matto tem olhos*
e parede tem ouvidos?
Pois então, meus amiguinhos,
o caso está resolvido!

Vocês já viram que olhos
é o que tenho até de sobra;
sendo pintada em parede,
mostro o pau e matto a cobra:
tenho ouvidos apurados,
sou pedra pra toda obra!

Portanto, com estes olhinhos
que a terra não vai comer,
quieta no meu cantinho
vi coisas de estarrecer!
E ouvi coisas que contadas
vocês não iriam crer!...

No ano mil e oitocentos
e quarenta e oito eu vi
o naturalista inglês
Alfred Wallace aqui.
Posso até mostrar a pedra
onde o sábio fez xixi.



Uns vinte anos depois
Charles Hartt aqui chegou.
Um geólogo afamado
que em papel me desenhou
e após reproduzir tudo,
para o mundo divulgou.

Wallace também contou
tudo o que foi anotando
e nesse disse-me-disse
a história foi aumentando
que eu nem lhes conto, crianças,
quanta gente eu vi chegando!...





MB.

Os pinta-cuias

Crianças, há anos
aqui nestas terras,
cercaças de serras,
sem males, sem danos,
sem ecos mundanos,
um povo artesão
com toque de mão
fazia sua arte
que por toda parte
causava impressão.

As cuias pintadas
por mãos das tapuias,
as tais "pinta-cuias",
caboclas prendadas,
ficaram faladas
quão mestre Dali.
Pinta-cuia, remido,
hoje é conhecido
o povo daqui.



- Cuieira
- Crescentia cujete



Paituna

I

Velho Paituna
passa as manhãs
sempre rodeado
por suas cunhãs.

II

Até que um dia,
chega um rapaz;
rouba-lhe as moças
e a própria paz.

III

Paituna vive
perdendo sono,
já pressentindo
seu abandono.

IV

Lã vai correndo
Paitunaré
com mil mulheres
dando em seu pé!

V

Paituna tece
uma forte rede
pra da vingança
matar a sede.

VI

Paitunaré,
foge daqui!
Olha Paituna
bem trás de ti!

VII

As redes rompem
e Paitunaré
mergulha livre
no igarapé.

VIII

Só a tarrafa
feita a cabelo
de suas cunhãs
pode prendê-lo.

IX

Paitunaré
já não existe
por isso a aldeia
ficou tão triste...

X

E a taba toda,
cheia de dô
deixou Paituna
tristonho sô.





XI

Paituna agora
ficou sozinho
não tem comida,
não tem carinho...

XII

Sendo obrigado
a trabalhar,
falta-lhe tempo
para caçar.

XIII

Mas um milagre
aconteceu:
comida farta
lhe apareceu!

XIV

Seu papagaio
de estimação
era sua tábua
de salvação.

XV

Sozinho estando,
penas largava
e em bela moça
se transformava.

XVI

Dentro da mata
bem escondido
Paituna enxerga
o acontecido.

XVII

Rápido as penas
todas pegou
e sobre o fogo
as arremessou!

XVIII

Sorrindo a moça
diz-lhe a sorrir
que apenas ela
não o quis trair.

XIX

E então por prêmio
à jovem bela,
Paituna alegre
casou com ela.

XX

Depois Paituna
virou uma serra
e a sua história
já corre a Terra.



As duas oncinhas

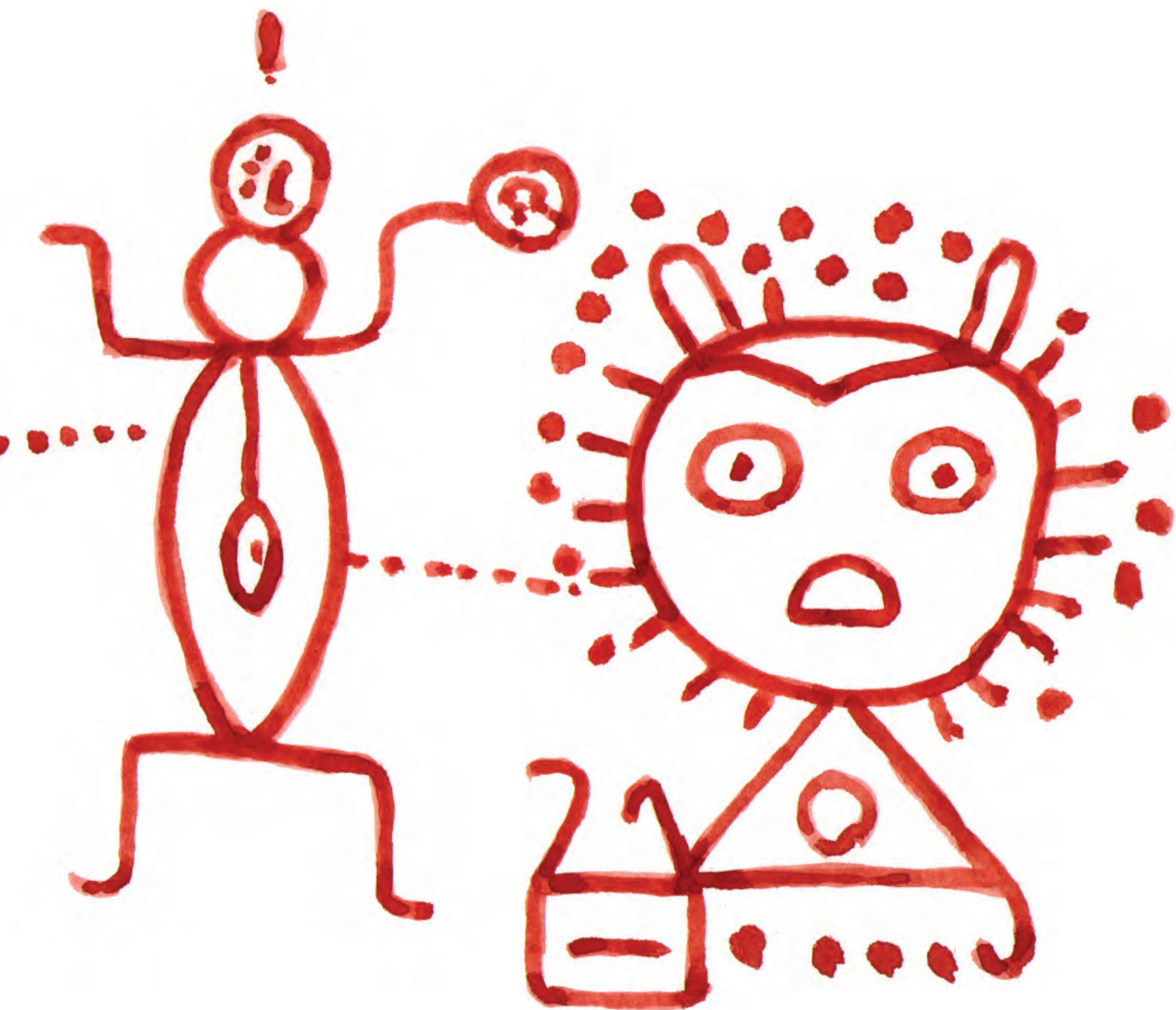
Na Serra da Lua,
tem duas "oncinhas"
pintadas na pedra.
São tão bonitinhas!

Porém, certa vez,
por pura maldade,
riscaram seus olhos...
Que barbaridade!...

E agora as "oncinhas"
parecem chorar
com medo que o louco
lã possa voltar...

Quem risca pinturas
rupestres, cuidado!
Está apagando
seu próprio passado!...





Adivinha advinhão!

01

Quem é bom chega ligeiro
para matar num segundo:
diga qual sábio primeiro
falou de mim para o mundo?

02

Vã em frente, não desista
e responda esta questão:
qual primeiro cientista
fez minha reprodução?

03

Quem é sabido não erra
e dá resposta sem grito:
que bicho é nome de serra
cujo filhote é cabrito?

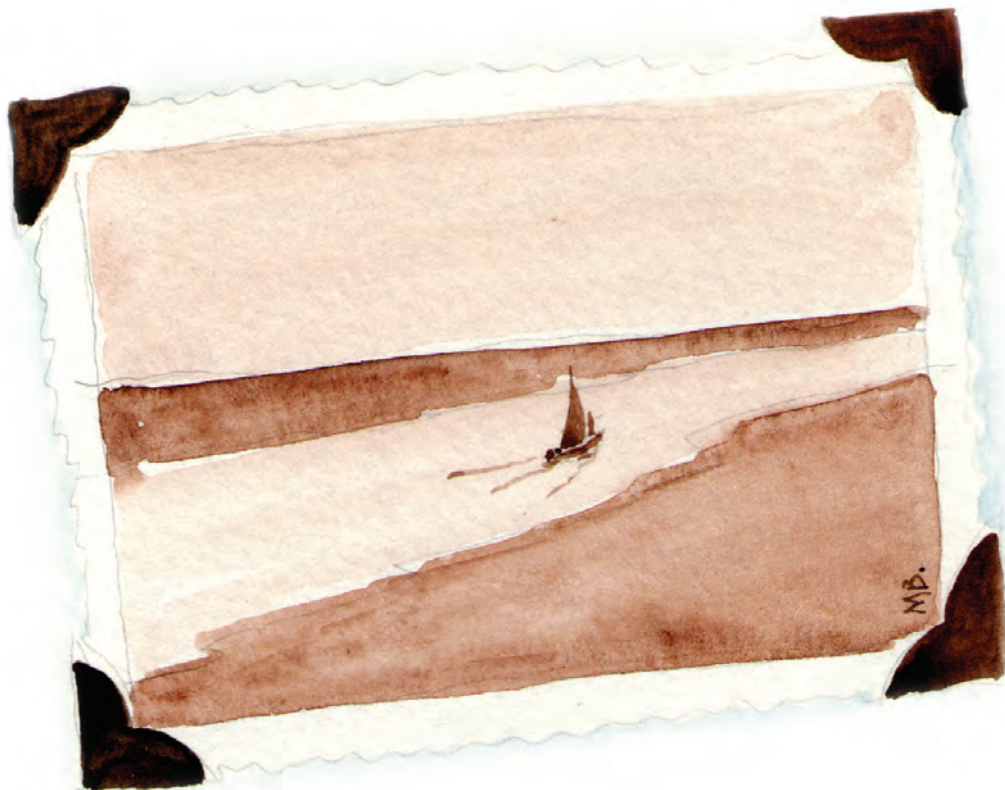


04

Adivinhão que se preza,
na boca a língua não trava:
antes de ser Monte Alegre,
como o lugar se chamava?

05

Responda logo, direto
ou fique aí de bubuia:
qual é o nome completo
do guardião "pinta-cuia"?



Respostas do Adivinhão, adivinhão:
1 - Alfred Wallace;
2 - Charles Hart;
3 - Bode (Serra do Bode)
4 - Gurupatuba, 05 Humberto Brito de Assunção.

Sementes

Meninas, meninos,
façamos um trato:
assim como o gato
tem olhos felinos,
assim com os sinos
da igreja têm voz,
que cada um de nós
lancemos na serra
o grito de guerra
dos nossos avós!

Não bastam Decretos
nem Cartas, nem Leis,
nem ordens de reis,
Tratados secretos,
Portarias, Projetos
e Resoluções...
Sem duras ações,
sem controle lógico,
do bem arqueológico
só recordações...

Crianças, chegamos
ao fim do livrinho.
Que belo caminho
juntinhos trilhamos!
Se unidos chegamos,
foi Deus que assim quis.
Qual traço de giz
é a vida da gente!...
Vocês são sementes
de um mundo feliz!

Portanto, convém
que cada um de nós
sejamos a voz
de quem voz não tem.
Sejamos, também,
visão, audição,
razão, coração
e assim, com certeza,
toda essa riqueza
estará em nossa mão.





Antonio Juraci Siqueira, Edithe Pereira e Mario Baratta

Três crianças parauaras
feito pirão de açaí
que falam com ciência e arte
das coisas boas daqui
unidos pela amizade:
Mario, Edithe e Juraci.

Os desenhos das páginas 9, 10, 11, 12, 13, 20, 21 (desenho), 22, 23, 40, 41,
são reproduções dos desenhos originais encontrados nos Sítios Arqueológicos de Monte Alegre.



realização:



patrocínio:



Ministério da
Cultura

Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

